

## **CULTURAS QUE DELINEIAM PRÁTICAS: ESCOLARES... DISSEMINADAS.**

Maria Rosa R. Martins de Camargo (UNESP-Rio Claro)

Carmen Maria Aguiar (UNESP-Rio Claro)

*Dirijo-me à sensibilidade de cada um. Falarei sobre experiências artísticas e sobre o papel que é desempenhado pela percepção, este espontâneo olhar-avaliar-compreender (de fato, a palavra “percepção” já conota compreensão). E vocês vão compreender, à medida que certos problemas estarão sendo colocados, o quanto os processos de percepção se interligam com os próprios processos de criação. O ser humano é por natureza um ser criativo. No ato de perceber, ele tenta interpretar e, nesse interpretar, já começa a criar. Não existe um momento de compreensão que não seja ao mesmo tempo criação. Isso se traduz na linguagem artística de uma maneira extraordinariamente simples, embora sejam complexos. (OSTROWER, 2006;167).*

O presente trabalho visa expor e refletir sobre situações em que ocorrem relações da cultura com a prática escolar e também com as práticas sociais. Modos diversos e convencionais partilham de processos educacionais amplos, em situações particulares, incomuns, sobretudo corriqueiras. Cada processo efetiva-se como práticas culturais inventivas, disseminadas, entrelaçadas aos afazeres diários.

Podemos detectar as relações entre as práticas escolares e a cultura de modos diversos e em lugares convencionais (nos processos educativos formais) ou não, como nos mostra este estudo. Trata-se da reflexão de duas situações que configuram registros históricos porque efetivam-se como práticas culturais inventivas, disseminadas, entrelaçadas aos afazeres diários, na vida dos sujeitos em seus contextos socioculturais. Pautamo-nos pela abordagem da história cultural. Os sujeitos da pesquisa têm pouca instrução escolar formal e apropriam-se singularmente da leitura e escrita. Como material de análise focamos objetos produzidos pelos autores, levantando dados sobre o contexto de realização e condições de produção, por meio de depoimentos. A) Trata-se de registro minucioso, feito diariamente por um “empresário da pesca”, assim auto denomina-se, que mora em uma casa construída sob uma ponte, num rio localizado na região de Votuporanga, SP. Ali vive com a família, seu local de trabalho é o rio. Uma caderneta em espiral é o objeto que condensa as informações relativas aos negócios, como um livro-caixa e contém uma lista de fregueses, fornecedores, nome dos peixes negociados, quantidades, datas das transações. Destaca-se a refacção da caderneta, pelos filhos, que se encontram na escola, numa cooperação entre o que provê e tem habilidades limitadas para

organizar o registro das transações e os que são providos, entre 7 e 14 anos de idade. A cada começo de ano, providenciam a cópia das informações em uma nova caderneta, sob a supervisão do pai. Os registros pouco se modificaram nas duas últimas décadas, mas refazer é necessário pois o ambiente da água dá curta duração de vida à caderneta. Observa-se significativa versatilidade no que concerne à concepção dos modos de morar, trabalhar, relacionar-se com os filhos, parceiros reais nos afazeres da escrita, que, além da habilidade, têm a legitimidade que os saberes escolares conferem. B) Apresentamos um conjunto de cadernos produzidos em uma sala de aula de educação de adultos, em Rio Claro, SP. Dois são de capa dura e dois tipo brochura, com páginas seguidas de trechos da bíblia, copiados, intercaladas com meias páginas de tarefas da aula, como o estudo das letras, sílabas, ou palavras trazidas pela leitura de fragmento de jornal, ou, ainda, a proposta para comentar o que acontece nos encontros. O autor frequentou até a terceira série na idade regular e, ao encontrar-se novamente na sala de aula, recorda um pouco do que já tinha aprendido e tinha esquecido; agora, escreve muito para a letra tornar-se um pouco melhor e também para entender melhor o que diz a bíblia. Dar visibilidade a tais práticas, que configuram eventos que carregam modos de relação com o mundo contemporâneo, pode contribuir para reflexões sobre as relações entre as práticas escolares e a cultura, ou culturas no plural, ao mesmo tempo em que configuram registros históricos; e sobre o que demarcam as práticas educativas que extrapolam limites de instituições escolares, mas a estas se vinculam, ampliando horizontes pelo que delineiam enquanto outras formas de registro para uma história da educação.

Algumas pessoas, através de suas práticas, parecem ter e dar maior visibilidade ao significado que percebe no mundo que o cerca. Sem pretender falar de arte não se deixa, de certa maneira, de falar de sujeitos criativos, inventivos. Indivíduos que enlaçam suas vidas ao cotidiano e as transformam em ações e práticas com o poder de alterar o rumo dos acontecimentos em suas vidas.

Todos estamos envolvidos por contextos sociais que, de um modo ou de outro, dão ritmo ao que realizamos, ao modo como vivemos e vemos o mundo. Alguns, agregam criatividade de tal modo inusitada que o colocam em destaque. Pessoas que descobrem possibilidades capazes de alterar seu caminho vivido.

É fácil notar que o cotidiano apresenta situações e contextos entrelaçados. Expressões e modos de ler e de interpretar tais ocorrências não escapam desta diversidade que é sua própria composição. Afunilando um pouco o olhar e dirigindo-o para as

diferentes formas de leitura e de escrita, encontramos exemplos caros e ricos estabelecendo mecanismos de contato que visam informar, participar, pertencer.

Modos inusitados de comunicar ao outro o que se pensa, o que se percebe, trazem modos de leitura e escrita que podem nos informar sobre o mundo em que se insere ou se encontra aquele leitor, ou escritor.

Podemos detectar as relações entre as práticas escolares e a cultura de modos diversos e em lugares convencionais (nos processos educativos formais) ou não, como nos mostra este estudo. São exemplos que destacam práticas de leitura e escrita que se encontram dentro e fora da escola, porém, estreitamente relacionadas e não menos complexas.

As reflexões que aqui trazemos remetem a duas situações que configuram registros históricos porque efetivam-se como práticas culturais inventivas, disseminadas, entrelaçadas aos afazeres diários, na vida dos sujeitos em seus contextos socioculturais.

Pautamo-nos pela abordagem da história cultural, na medida em que nos possibilita olhar para essas práticas na sua unicidade entre leitor e/ou escritor (produtor de um texto), os objetos produzidos e os destinatários, outros leitores ou o mesmo, quando a intenção e a finalidade do registro é garantir a retomada tempos depois, que pode ser no ano seguinte.

Os sujeitos da pesquisa que aqui apresentamos, têm pouca instrução escolar formal e apropriam-se singularmente da leitura e escrita.

Como material de análise focamos objetos produzidos pelos autores, levantando dados sobre o contexto de realização e condições de produção, por meio de depoimentos.

### **Os objetos e as relações que estabelecem com as práticas escolares.**

Um primeiro objeto é a caderneta que é um registro minucioso, feito diariamente por um “empresário da pesca”, assim auto denomina-se, que mora em uma casa construída sob uma ponte, num rio localizado na região de Votuporanga, SP. Ali vive com a família, e seu local de trabalho é o rio.

Uma caderneta em espiral é o objeto que condensa as informações relativas aos negócios, como um livro-caixa e contém uma lista de fregueses, fornecedores, nome dos peixes negociados, quantidades, datas das transações.

Destaca-se a refacção da caderneta, pelos filhos, que se encontram na escola, numa cooperação entre o que provê e tem habilidades limitadas para organizar o registro das transações e os que são providos, entre 7 e 14 anos de idade.

A cada começo de ano, providenciam a cópia das informações em uma nova caderneta, sob a supervisão do pai. Os registros pouco se modificaram nas duas últimas décadas, mas refazer é necessário pois o ambiente da água dá curta duração de vida à caderneta.

Observa-se significativa versatilidade no que concerne à concepção dos modos de morar, trabalhar, relacionar-se com os filhos, parceiros reais nos afazeres da escrita, que, além da habilidade, têm a legitimidade que os saberes escolares conferem.

Neste exemplo, chama-nos a atenção o entrelaçamento das práticas, poder-se-ia dizer, significativamente utilitárias da leitura e escrita que se concretiza na feitura da caderneta, comandada, coordenada pelo “empresário” que é também o pai, com quase nenhuma escolarização, e a contribuição que os filhos efetivam quando assumem a refacção ano após ano da caderneta, num movimento constante entre escrever (poder-se-ia dizer copiar?) os dizeres da caderneta, nas informações básicas que permanecem, ao mesmo tempo em que se modificam, acompanhando as alterações dos preços e novos compradores que chegam, por exemplo. Apontamos que a permanência dos filhos na escola, se faz necessário, especialmente na visão do pai, pois esta dá as bases para que seus filhos o auxiliem. Sabemos que o pai, como já dissemos, muito pouco frequentou uma escola, mas pouco sabemos de que modo as práticas escolares o marcaram, para além do que lá aprendeu.

Como um segundo objeto material, apresentamos um conjunto de cadernos produzidos em uma sala de aula de educação de adultos, em Rio Claro, SP. Dois são de capa dura e dois tipo brochura, com páginas seguidas de trechos da bíblia, copiados, intercaladas com meias páginas de tarefas da aula, como o estudo das letras, sílabas, ou palavras trazidas pela leitura de fragmento de jornal, ou, ainda, a proposta para comentar o que acontece nos encontros.

O autor nos informa que frequentou até a terceira série na idade regular e, ao encontrar-se novamente numa sala de aula, aos 56 anos de idade, recorda um pouco do que já tinha aprendido e tinha esquecido; agora, escreve muito para a letra tornar-se um pouco melhor e também para entender melhor o que diz a bíblia, uma de suas referências maiores para o que sabe e/ou não sabe, quando o assunto é ler e escrever.

### **Do lugar do/a pesquisador/a.**

Como dissemos, os sujeitos envolvidos nos exemplos relatados possuem pouca ou nenhuma escolarização o que não os impedem de aventurar-se num mundo em que sua

ferramenta de trabalho é a escrita, como no caso do “empresário da pesca”; ao mesmo tempo em que se aventura, constata-se seu empenho em registrar o que poderíamos chamar conteúdos escritos, ou seja, as informações necessárias ao seu negócio de vendas. A pesquisa em pauta, além da intenção de dar visibilidade a certas práticas, constitui-se, também, em um testemunho de modos de ler e de escrever. Assim entendidas, reconhecer tais práticas impõe ao pesquisador buscar outras ferramentas e procedimentos de pesquisa que se distanciam daqueles tradicionais, cristalizados e reconhecidos.

Olhar para um universo em que a leitura e a escrita ocorrem em situações, contextos e circunstâncias inusitadas requer outros posicionamentos do/a pesquisador/a e busca de novos paradigmas. Obriga-nos a considerar outras formas de compreender e reavaliar os limites presentes entre o saber e o não saber; modifica-se o lugar de onde se observa, enxerga, avalia, analisa. A busca pelo caminho trilhado pelos sujeitos da leitura e escrita torna-se desafiadora na medida em que tais sujeitos, não estando vinculados ao mundo das letras, perceberam na linguagem escrita uma ferramenta importante e capaz de participar e auxiliar no seu modo de vida.

São atitudes que revelam práticas de leitura e de escrita inserida na vida diária e que ocupam um papel exemplar em seu cotidiano e imprescindível sua tarefa diária. Os estímulos que levam tais sujeitos a seguir e desenvolver mecanismos é o que mantém vivos o seu gosto e a necessidade de ler e de escrever. Vivenciam práticas sociais que revelam, por um lado, as dificuldades que a sua exclusão imposta pelas condições individuais e da própria escola apontam, por outro lado, expõe a capacidade inegável e criativa, desses sujeitos, em driblar uma realidade hostil através de alternativas que o permite se sentir e vivenciar seu papel de leitor e de escritor.

Práticas como essas apresentam, entre outras coisas, possibilidades para avaliarmos e considerarmos formas diversas de saber e concorrem para a percepção e identificação de linhas quase invisíveis que marcam os limites entre o saber e o não saber. Os sujeitos desta pesquisa, através de uma prática específica e particular introduzem a leitura em suas vidas, o que permite a cada um dar sentido e dignidade a si próprio. Criativamente, diante de circunstâncias notoriamente desfavoráveis, percorrem um caminho em que ler e escrever faz parte de sua vida diária.

A leitura e a escrita, na vida destes sujeitos, dá vitalidade para sua prática social, uma liberdade arrancada dentro do limite. [...] *Esta noção de liberdade é compreendida de uma maneira nova: uma liberdade dentro de limites. Não se trata de esquemas rígidos ou*

*proibições e sim normas que são compreendidas como delimitações [...], e por isso válidas, da experiência humana. (OSTROWER, 2006;171).*

### **O papel pedagógico das coisas, dos eventos.**

As práticas sociais aqui relatadas abrem espaço para a percepção e identificação de um viés pedagógico, ou seja, o papel pedagógico das coisas, dos eventos. Considerando esta perspectiva, o trabalho busca dar destaque a ocorrências que estejam associadas ao ensino e ou ao aprendizado. Algumas questões e eventos podem estar ligados à História, Sociologia, Antropologia e também à Educação – entendendo Educação, num sentido amplo, com Brandão (1980) e da Cultura no sentido sócio-antropológico desse termo. O interesse primordial é identificar e dar visibilidade ao papel, aos aspectos sociais e pedagógicos das coisas que permeiam a vida cotidiana.

Os sujeitos da pesquisa revelam práticas sociais que apontam para uma competência em colher, retirar, reciclar, moldar, talhar, o que seu cotidiano e experiência traz e possibilita. Um olhar mais afinado em direção à realidade social, pode permitir descortinar percepções pouco visíveis, o que gera reflexões novas sobre práticas sociais que se mostram preciosas para os sujeitos que as efetivam; ao mesmo tempo que cimentam a utilidade prática, orientam na direção de um papel que é pedagógico, porque mostram sentidos e inventam modos de fazer.

Trata-se, neste caso, de tornar visíveis achados mediadores que traçam pontos de ligação representativa e, muitas vezes, fundamental na vida do indivíduo. Sujeitos e exemplos que são garimpados no contexto vivido, apontando para experiências, fatos, ocorrências e ou eventos que se revelam ‘educativos’, despertadores de talentos criativos, de saberes ou de conhecimentos que brotam na relação que cada um estabelece com o mundo que o cerca.

As marcas tatuadas na sociedade e as formas que elas encontram para deixar impressões diversas, em cada indivíduo, são visivelmente importantes e decisivas em muitos casos. Muitas dessas ‘tatuagens’ demarcam lembranças guardadas na memória e no corpo como aspectos que elucidam a vida, focalizam imagens do tempo vivido, rescaldo de aprendizagens que formatam a percepção social sobre assuntos variados que enredam a vida diária. Trata-se de um mecanismo em que a visão que reveste os pontos de vista são pontuados e propicia formas específicas de perceber e interpretar o mundo, de gravar determinadas mensagens que nos chegam através de imagens mais e menos objetivas.

Aspectos da experiência de vida social e escolar vivida por um dos sujeitos apontam para o papel de importância dos eventos compostos por situações, experiências vividas por ele. Como “empresário da pesca” foi, antes, um filho de pescador que, nascido à margem de um rio, aprendeu a lidar com a pesca artesanal desde criança, cresceu brincando de cortar madeira e confeccionar brinquedos de madeira, e logo passou a ajudar no concerto de pequenas embarcações, tais como a canoa. Instigado a falar, ele afirma que o curto tempo em que frequentou a escola, foi suficiente para notar que, entre os conteúdos recebidos, o que mais apreciava eram aqueles relacionados à área de matemática. Esses, conservam-se como lembranças que são caras, que pontuaram e marcaram seus afazeres fora da escola, seu cotidiano infantil, e conservam-se fortes em sua vida cotidiana. Reafirma, ainda, que entre seus afazeres prediletos estão aqueles que requerem, de algum modo, sistemas de medida, atenção, observação criteriosa tais como cortar, pregar, medir, amarrar, entre outros exemplos que apontam para a área de exatas.

O modo como este sujeito da pesquisa olha e vê a realidade reforça a idéia de que ... *A percepção do homem é histórica. [...] Através da história o homem aprendeu a ver, criou modos de ver, desapareceu, criou outros modos. [...] Eu vejo o mundo com a minha história* (GULLAR, 2006; 218). Observações mais acuradas do universo cotidiano, podem mostrar, como o ser humano é sensível às suas experiências, como suas percepções modelam ou podem modelar suas metas, olhares e horizontes. Podendo transformá-los e levá-los a buscar, romper, inovar, criar, manter, moldar uma realidade.

Considerando o que esse sujeito revela em seus depoimentos, pode-se inferir que sua profissão de “empresário da pesca”, o modo e a facilidade como organiza sua caderneta, ‘livro caixa’, o formato e modelo de edificação que construiu sob o rio e embaixo da ponte para residir com sua família reflete, assim, um sujeito com uma visível competência lógico-matemática. A construção da casa onde reside é feita de madeira, suspensa sob as águas, presa no concreto da ponte. O tráfego de carros e caminhões que passam em alta velocidade, faz vibrar toda a construção, mas os anos passam e nunca ocorreu a queda de nenhuma parte da casa.

Dar visibilidade a tais práticas, que configuram eventos que carregam modos de relação com o mundo contemporâneo, pode contribuir para reflexões sobre as relações complexas que se estabelecem entre as práticas escolares e a cultura, ou culturas no plural, entrelaçadas em seus múltiplos aspectos, ao mesmo tempo em que configuram registros históricos; e sobre o que demarcam as práticas educativas que extrapolam limites de

instituições escolares, mas a estas se vinculam, ampliando horizontes pelo que delineiam enquanto outras formas de registro para uma história da educação.

O fato é que os eventos, podem ser considerados como uma linha mediadora de contato das pessoas, ou ao contrário, com as coisas. Os objetos, as experiências vividas se misturam e se espalham na vida diária. Tal pressuposto, parece possibilitar um elo que funciona como algo capaz de acionar possibilidades, verdadeiras aberturas que disparam para uma aprendizagem, para a aquisição de saberes que podem tornar novos, os conhecimentos.

### **Bibliografia**

- ALVES, Nilda. 2003. Cultura e cotidiano escolar. Revista Brasileira de Educação, no.22.
- CERTEAU, Michel de. 1995. A cultura no plural. Campinas,SP: Papyrus.
- CERTEAU, Michel de. 1994. A invenção do cotidiano; artes do fazer. Petrópolis: Vozes.
- GULLAR, Ferreira. 2006. Barro: olhar e vertigem.
- NUNES, C.; CARVALHO, M.M.C. 1993. Historiografia da Educação e Fontes. In: Cadernos ANPED no.5. Caxambu.
- OSTROWER, Fayga. 2006. A Construção do Olhar. In: Adauto Novaes. São Paulo: Companhia das Letras.